

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«...ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... In Christu Jesus

ID. 13. 14.

SUMMARIO: *O novo Mandamento*, pelo Padre J. J. Soares.—Secção Religiosa: *Ultimas homenagens ao Salvador*, por P.—Secção historica: *Os acontecimentos do Joazeiro*.—Secção Critica: *Jornalismo catholico*, por A.; *O ultimo livro do Sur. Lino d'Assumpção*, por A. A.; *Irmandade dos Clerigos Pobres*, pelo Padre Raymundo; *Sentinella*, por Dom Antonio d'Almeida.—Secção Necrologica, por D. P.—Secção Litteraria: *Stabat-Mater*.—Retrospecto, por D.

Gravuras: *No Pretorio!*; *Ultimas homenagens ao Salvador*.



NO PRETORIO!

ERRATA

Na Galeria dos homens notaveis, a p. 75, do n.º 7, onde se lê João Henriques seja Leão Henriques.

O NOVO MANDAMENTO

Mandatum novum do vobis: Ut diligatis invicem, sicut dilexi vos.

Dou-vos um novo mandamento: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei.

S. João, cap. XIII, 34.

TRANSPORTEMO-NOS pelo pensamento ao Cenaculo, onde Jesus Christo, na vespera de sua morte, reuniu seus apóstolos, e lhes mostrou quão grande era o seu amor para com elles. Adoremos dentro do Cenaculo as divinas e vivas chammas d'aquelle amor que fez apparecer na terra o Filho do Altissimo.

Alli ouviremos ao Amantissimo Jesus dizer a seus apóstolos estas sublimes palavras:—Dou-vos um NOVO MANDAMENTO: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei. *Mandatum novum do vobis...*

Mas que novidade será esta de que falla o Divino Mestre a seus discipulos? pergunta S. Jeronymo. Quando o homem nasce, não vem este preceito essencial impresso no coração? Não existia já, d'um modo bem claro, na antiga Lei? E não foi esta dictada e annunciada aos filhos de Jacob, nas raizes do Sinai? E que nobres e illustres testemunhos do mesmo preceito não são os lances de amor e benevolencia de tantos justos? José olha só para seus irmãos como filhos de seu pae, e não como perfectos traidores da sua vida e liberdade. David lamenta e chora a morte de Saul, seu inimigo. Tobias observa fielmente os mandamentos do Senhor: consola seus irmãos captivos, dá-lhes bons conselhos, reparte com elles do que possui, dá de comer aos famintos, veste os nus, e, de noite, enterra os cadaveres de seus compatriotas. Onde está, pois, a novidade de um mandamento tão antigo?...

Ah! Não é a substancia do preceito, que Jesus Christo pretende radicar no coração de seus apóstolos e de todos os fieis, antes que parta d'este mundo: é um espirito novo e uma nova forma, inseparaveis do mesmo preceito; é um amor tão puro e singelo, que nem a carne, nem o sangue tenham parte n'elle; é, finalmente, uma caridade tão viva e activa, que só descubra e divise no proximo a imagem e similhaça de seu Creador.

Eis a perfeição que Jesus Christo in-

culca no Cenaculo, e da qual quer ser a forma e o modelo para dirigir os corações de todos os fieis. *Ut diligatis invicem, sicut dilexi vos.*

Habitantes da terra, vós que admirastes abrir-se o ceo e descer ao mundo o Justo prometido, o Justo por excellencia, vinde louvar agora todos os transportes do seu amor: vós que o visteis e tocastes, e vós com quem elle se partiu tantas graças e favores, tantas bençãos e remedios, vinde glorificar os excessos ineffaveis d'aquelle infinita caridade que se descobre só agora dentro do Cenaculo!

E' chegada a hora de Jesus celebrar a ultima Cêa com seus apóstolos.

Ah! Que espectáculo mais sensível, e que ferisse com mais ternura o coração de seus discipulos, do que ver e admirar o Deus omnipotente, o Creador de todas as coisas visiveis e invisiveis, inclinado aos pés d'uns fracos homens, lavando-lh'os e osculando-lh'os, como se fosse o servo d'elles?!... Oh! Que novidade tão grande humilhar-se o Creador ás creaturas, o Filho do Eterno aos pés de seus apóstolos!... Que assombro para vós, ó seculos, que venerastes, com tanto pasmo, os seus symbolos e figuras!...

Quaes seriam os vossos extasis, ó Patriarchas e Prophetas, se visseis no Cenaculo realizados os prodigios, que excitaram tantas vezes as vossas saudades e suspiros?!...

Mas se é ineffavel a humildade do Filho do Eterno, se é sem exemplo o grande peso de seu amor, se é este o meio mais estrondoso por onde Jesus quer significar-nos todos os affectos de seu divino Coração, qual de nós conservará ainda dureza contra aquelles que chamamos inimigos e contrarios, tendo á nossa vista um exemplo da caridade mais heroica?

Se o rei Saul admirasse a mesma Divindade osculando os pés de Judas, do perfido traidor, não deporia livremente o seu odio e ciume contra o filho de Isai?... Se Esau observasse no Cenaculo uns lances de amor tão grande, seria ainda inimigo de Jacob?...

Ah! E esta acção, capaz de abrandar o mesmo marmore, não purificará os nossos corações do odio, da inveja e ciume contra os nossos semelhantes?... Não é bastante este excesso de amor do nosso Jesus para suffocar as nossas paixões injustas e cruéis?...

Christo Senhor Nosso confunde, pois, o mundo rebelde e caprichoso com um exemplo que durará eternamente. Os apóstolos estremeceem e enchem-se de admiração; tudo fica em silencio, sem que algum se atreva a interrogar a Christo sobre uma novidade que parecia impossivel succeder. Nosso Senhor falla então denodadamente da sua mor-

te deshumana e de seus infames instrumentos; olha, com piedade, para o perfido discipulo que o vai entregar á raiva furiosa d'um povo desgraçado, e descobre a todos a inconstancia, a fraqueza e a pouca fé de Judas. Mas ainda que Jesus assusta os apóstolos com taes revelações, que amigo, que pae tratou a seus amigos e filhos com mais ternura e amizade?... Que vezes consoladoras não ouvem todos de sua sagrada bocca?... Que documentos mais uteis para a salvação de toda a terra?... Que poderes e privilegios para o seu novo sacerdocio?...

Não temais, diz o Divino Mestre a seus discipulos: Eu estarei comvosco todos os dias até á consummação dos seculos. Vós já não sois unicamente homens estrangeiros; sois cidadãos do ceo e domesticos de meu Pae. Celebremos juntos aquelle novo sacrificio, que será logo realisado sobre o altar da Cruz. Eu participo da vossa mesma natureza, e vós communicai a minha mesma Divindade.

Põe-se Jesus á mesa, toma pão, beize-o, parte-o e dá-o aos discipulos, proferindo estas palavras:—*Tomai e comei, este é o meu corpo.* Toma do mesmo modo o calix e dá-lh'o, dizendo:—*Bebei d'elle todos, porque este é o meu sangue do Novo Testamento, que será derramado por muitos para remissão dos peccados.*

Oh! Podia elevar-se mais o amor de Jesus para com os homens?!...

«O Divino Salvador, na vespera de nos deixar, diz Hamon, não pôde resolver-se a separar-se de nós: «Não vos deixarei orphãos, tinha elle dito; meu Pae chama-me, mas voltando para elle, não me separarei de vós; a minha morte está determinada nos decretos eternos; morrendo, saberei sobreviver a mim mesmo para ficar comvosco. A minha sabedoria achou o meio para isso, o meu amor vai executal-o». Em consequencia, muda o pão em seu corpo, o vinho em seu sangue; e em virtude da inseparavel união da alma com o corpo e o sangue, em virtude da indissolvel unidade de pessoa divina com a natureza humana, o que antes só era pão e vinho, é agora a adoravel pessoa de Jesus Christo todo inteiro, a sua pessoa sagrada, tão augusta, tão poderosa como é a dextra do Pae, governando todos os mundos, adorada dos mesmos anjos, que tremem na sua presença.

«A este milagre succede outro. «O que acabo de fazer, acrescenta Jesus Christo, o farcis vós, meus apóstolos; dou-vos esse poder, e não sómente a vós, mas a todos os vossos successores até ao fim dos tempos, pois que a Eucharistia, sendo a alma da Religião e a essencia do seu culto, deve durar

«tanto como ella». Tal é a rica herança, que o amor de Jesus Christo dispensou aos seus filhos por toda a serie dos seculos: tal é o testamento, que este bom pae de familias, no momento da sua partida, fez em beneficio de seus filhos; as suas mãos desfallecidas escreveram-o e assignaram-o com o seu sangue; tal é a benção, que este bom Jacob deu a seus filhos, reunidos em torno d'elle, antes de os deixar». (1)

E' assim que Jesus Christo, para nos atrahir e unir-se a nós, desce todos os dias do ceo sobre nossos altares, renovando-se aquelle sacrificio que no alto da Cruz offereceu a seu Eterno Pae. D'este modo singular é que o Divino Salvador consola a seus discipulos, e perpetua a sua memoria até á consumação dos seculos. *Haec quotiescumque feceritis, in mei memoriam facietis.*

Ilaverá ainda algum grau mais elevado de amor? Não ha.

O' bom Jesus, fazei que todos conheçam a grandeza de vosso amor, para que, á vista d'elle, o homem vos ame cada vez mais, e ame tambem a seus semelhantes.

Dou-vos, diz nos Jesus, um novo mandamento: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei.

P. da Graça—Março de 1892.

P.º J. J. Soares.

SECÇÃO RELIGIOSA

Ultimas homenagens ao Salvador

(Vid. p. 91)

Consummatum est!... Eis a ultima palavra da bocca moribunda de Jesus. Importa ouvir n'ella mais que uma adeus de vulgar despedida, sob pena de se não possuir a intelligencia da historia nem o sentido do sublime.

Consummatum est!... Do cimo do madeiro do sacrificio volve o Salvador um extremo olhar sobre o passado: o sangue que lhe inunda os moribundos olhos, não pôde entibiar sua infinita penetração. D'um só relance contempla quanto foi dicto, quanto ha sido escripto, e verifica o pleno cumprimento de sua altissima missão. Vê a face da terra, sobre a qual desde então se hão de espalhar os apostolos intrepidos, soltando o famoso grito de conquista: *Sicut!* E' a sede das almas resgatadas pelo sangue de Jesus Christo.

Volve os olhos ao pé da cruz, e para sempre deixa de haver orphãos a prantearem-se no desamparo: Maria é eleita

a mãe de todos os homens: *Ecce filius tuus, ecce mater tua.*

Exalça-os ao Pae celeste a prescrutar se a justiça está por completo satisfeita e preenchidos todos os eternos designios: *Abba, Pater.*

Abrange n'um intenso acto de amor o presente, o passado e o futuro, e consciente de que tudo se verificou, tudo se reparou, é em superabundancia a graça, está finda a reconciliação, terminado o sacrificio, solta as profundissimas palavras: *Consummatum est!* Tudo está consumado!

Pende Jesus a frente sacrosanta; a morte aproxima-se; solta o alento derredreiro o Redemptor da humanidade precisa!

A multidão, curiosa e impaciente, que até ao lugar do supplicio acompanhara o divino Mestre, retira-se n'um longo murmurio, como um oceano que volve de novo aos seus abysmos. Contradictorias reflexões elevam-se agora de todos os peitos: «Verdadeiramente era Este o Filho de Deus!» Um algoz, em cuja frente avultava já o cunho da reprovação, ousa vociferar: «Se é o Filho de Deus por que razão não desce Elle da cruz?» Dá-se por satisfeito o maior numero com ter assistido a um espectaculo grandioso e sanguinolento: de instincto selvagem a multidão, mal a conhece quem d'ella espera mais que injustiças e cruezas.

Consummatum est! Reina o silencio no topo do Calvario. Subamos respeitosos áquella estancia, para nós de tam singular veneração.

E' despregado da cruz o corpo do Homem Deus—scena sobrehumana, impossivel de descrever se, mas apta de ser meditada, adorada, adivinhada pelo coração christão.

* * *

Os maus retiram, e vemos agora os Anjos a substituirem nos. Em tórno do Salvador condensam-se a mais e a mais, entretendo sua vasta intelligencia n'uma felicidade extatica. Maria, ajoelhada, tem signalados os dedos pelo sangue divino. Em seus braços estende o branco lençol para recolher o corpo sacrosanto, que volta, em que estado! ao collo maternal.

E' possivel haver dôr semelhante a dôr assim?!

Ah! chamai me *Mara*, soluça a Virgem, sim *Mara*, que esse é o meu nome, pois o Altissimo dignou-se encher-me de amarguras.

Do alto da cruz baixa o corpo lentamente acompanhado pelo olhar de Maria, que não respira, que devora nas ancias do amor o corpo dilectissimo do seu amado. No imo da alma, forte sempre, recorda a hora solemne em que o Espirito Sancto, em Nazareth, a velou

com sua sombra; e agora a sombra d'um cadaver cobre esta Virgem intermerata! Dois oppostos abysmos, cobertos e ligados por um incompreensivel amor!

Está ao alcance das mãos o corpo de Jesus. O discipulo amado pode receber nos braços a cabeça, e sustela para que algum abalo a não agite; Magdalena ampara aquelles pés venerandos, gelados agora pela morte e despedaçados profundamente. E' alli o seu lugar d'outr'ora, que outrem não tem jus a disputar-lhe, que ella, a mais sublime, a mais bella das penitentes, occupará todo o sempre no paraizo, entre os Archangjos que lhe hão de invejar a felicidade.

Por alguns momentos prostra-se a Virgem n'uma agonia de silenciosa adoração. Em seguida, palpitante, dilacerada pelo amor, recebe o corpo em seus braços caridosos: uma vez mais, o divino infante de Belem é agasalhado contra o seio maternal, e agora sem lhe sorrir, de cilios pendentes, mais frio que no feno do presepio!

Maria, angustiada, aniquilada, sempre invicta, recolhe-se em magestoso silencio. Com as piedosas mulheres, com Joseph e Nicodemos, adora em concentração profunda. A seu peito, abraçado de amor, une tremula o filho inanimado, formando com seus braços o primeiro tabernaculo da divina Eucharistia, e até ao fim dos tempos, será Maria n'este lugar, junto dos sacrarios do orbe, invisivel talvez, mas detida por seu amor a Jesus e seu amor aos homens. Depois da adoração á Hostia Sancta, os servos de Jesus dedicarão sua homenagem a venerar a Maria.

Por fim, a sancta Virgem levanta-se. O dia toca o occaso e é já a noite proxima. A Mãe ternissima, com a agillidade com que ha trinta e tres annos caminhava em demanda do Egypto, vai conduzir ao sepulcro o corpo do Salvador. Jesus fortalece as almas afflictas, marca-lhes o caminho, aponta-lhes onde é a patria.

Nos contornos do Calvario havia hortos diversos, um dos quaes pertencia a Joseph d'Arimathéa, que alli mandara, na rocha viva, abrir um sepulcro novo para si e sua familia. Era la que o corpo sacrosanto do divino Crucificado ia repousar por breve tempo.

A Jesus, hade tambem a alma que anhela recebê-lo, offertar um lugar d'honra, purificado de toda a mancha, por que entre as virgens é que Elle se compraz habitar. De primeiro descansou no seio de Maria, um seio immaculado; tem nos céos a sua morada eterna onde só a pureza existe; abriga-se nos brilhantes ciborios de nossos sacrarios, architectados de oiro, e perfumados de incenso e oração.

(1) Meditações para todos os dias do anno, por Hamon, vol. I.

Chega-se ao logar do sepulcro, n'um silencio magestoso, apenas interrompido por suspiros maguados. Com suas mãos affectuosas dispõe Maria todas as cousas. A ninguem confia o seu thesouro, que não ha creatura edonea para tocar no corpo de Jesus. Com que solicitude, lhe recosta no tumulo a cabeça adorada! Estende o lençol, colloca unidos aquelles sagrados pés que por tres horas estiveram pregados na cruz, toma os instrumentos da paixão, beija-os entre soluços, e deposita-os juncto do corpo adoravel como trophéus de victoria. Por instantes, permanece immovel em piedosa meditação, mas vem por fim o momento solemne e grave da separação. De manso levanta uma vez mais o lençol alvissimo, para um instante ainda contemplar pela vez ultima as feições amaveis do seu Jesus.

An! é Elle, sim Elle, que alli repousa, com as faces pallidas, os olhos fechados, os labios meio abertos, como balbuciando ainda as doces palavras: Minha Mãe!

Seja pois, meu Deus, feita a vossa vontade! *Fiat voluntas tua!* A Virgem deixa poisar o lençol mortuario sobre aquelle rosto encantador. De joelhos, oscula-o piedosamente, sofregamente, como a ensinar-nos o logar de cada um de nós deante da prisão do tabernaculo, aonde nos convida o Deus misericordioso para fervorosa adoração!

O' mulher verdadeiramente forte, ó Maria! Permitti que eu vos contemple e vos jure um amor eterno. Jamais houve dor que podesse comparar-se á vossa: no tumulo como no Calvario sauda vos a Igreja Rainha dos martyres. Pudessemos, nós, enterrar na sepultura do nosso Mestre as nossas concupiscencias, nossas ingratições, nossas tibiezas, nossas indifferenças, reservando apenas a liberdade e o amor que pertencem a vossos filhos. Jesus, ó Virgem, jamais recusará este milagre á vossa impetração: implorai-lh'o, vós, a mais compassiva, a mais afflicta de todas as maes.

Accentos magnificos nos offerece a linguagem dos sanctos, relativa á dor de Maria juncto do tumulo de Jesus. D'este modo a faz suspirar o enternecido S. Bernardo: «Compadecei-vos de mim, compadecei-vos de mim, vós, ao menos, os que sois meus amigos. Deixai-me uma vez ainda contemplar a descoberto seu rosto sem igual; não roubeis esta ultima consolação á minha alma; para o encerrardes no tumulo, não o retireis da vista de sua mãe; permitti antes que permaneça em seus braços, para que, embora morto, continue intimamente unidos, ou, se importa sepultal-o depressa, levai-me com Elle a uma cova commum. Que será de mim em me vendo sem elle? Que me

vale a mim a vida, quando meu filho não vive?»

Em verdade, mal póde imaginar-se dor mais profunda que a dor de Maria em presença do corpo inanimado do Deus vivo. No entanto, ha outra que por demais a excede, é a dor de separar-se d'esse corpo adorado e regressar ao mundo solitaria, n'um abandono que jamais creatura alguma sentiu igual.

«O' eterno Pae, exclama Bossuet, não é para ella que fazeis eclipsar o sol e empallidecer as estrellas do ceo: para essa Virgem apagou-se toda a luz. Não é para ella que abalais os fundamentos da terra, vestis de horror a natureza inteira, ameaçais os elementos de os subverter no cahos: depois da morte de seu Filho, tudo para a Virgem dolorosa jaz coberto de trevas, a forma d'este mundo é como se não existisse, e para qualquer parte que volva os olhos contristados de saudade nada mais descobre que uma pesada sombra de morte! «Quidquid aspeciebam non erat.»

P.

SECÇÃO HISTORICA

Os acontecimentos do Joazeiro

(Continuação do n.º antecedente)

9.º DOCUMENTO

Memorial apresentado na causa do Precioso Sangue

Crato, 12 de Outubro 1891.

R.º Sr. Commissario.

«Noblesse oblige.»

A' distincta notificação que da parte de V. S.ª R.ª me trouxe o R.º Sr. Dr. Francisco Ferreira Anthero, digno Secretario da Comissão que pelo Ex.º e R.º Sr. Bispo Diocesano veio verificar os factos extraordinarios occorridos no humilde povoado do Joazeiro,—eu devo a exhibição singella e sincera da verdade tal e qual se pode dizel-a perante Deus e sustental-a no tribunal dos homens.

Mas o depoimento, que venho perpetuar n'estas linhas, nada tem de singular—é apenas mais uma voz que ao côro geral de todas as vozes e no concerto de todas as harmonias vem affirmar que sabe e que viu mesmo na igreja do Joazeiro a Hostia Sacramental da communhão de Maria de Araujo transformar-se em sangue tão natural como o producto vivo d'um corpo vivente.

E este factio maravilhoso, extraordinario, sobrenatural, divino (como quer que a Santa Igreja venha qualificar-o ou definil-o) que V. S.ª R.ª mesmo teve-o varias vezes sob a inspecção

rigorosa de seus sentidos e sob a visão intellectual de sua alma, não é novo e nem data de hoje.

Ha 3 annos, mais ou menos, que elle agita em derredor de si a attenção de todos, a curiosidade do homem vulgar e a investigação do homem curioso, a objecção do sceptico e o exame da sciencia, as homenagens francas e expansivas da boa vontade, as reservas intencionaes e tepidas do calculo e sobre tudo a provação do que duvida e a provação do que crê; que ambos exigiram o milagre—um, para que podesse crer e outro, para que podesse affirmar sua crença.

Assim pois nenhuma duvida sobre sua existencia—que viram-no, não uma, senão muitas vezes, e affirmam-no sob a palavra da consciencia e a fé do juramento centenares e milhares de testemunhas, quando segundo a lei e o direito bastava para fazer-lhe prova plena o depoimento de duas ou tres testemunhas de vista.

Qual seja, porém, sua causa efficiente e sua procedencia, revelam-no circumstancias e factos de ordem superior, que levaram de vencia contradicções e contrariedades da vontade e l'actividade humanas.

Assim é que:

1.º

Sua publicidade realisou-se a despeito de todas as reservas e de todo o sigillo, com que o Sacerdote, a quem Deus confiara o extraordinario facto, recebia e mantinha com o maior silencio as suas primeiras manifestações.

Era o seu «*thesaurus absconditum in agro*» e a mim mesmo, a quem constituam seu amigo mais proximo os laços do sangue, as relações desde a infancia, o colleguismo dos bancos escolares estreitado pela visiohança de nossas motrias, a perda de nossos paes, a dor e o infortunio de nossa vida no mesmo tempo, e a circumstancia de nunca trocarmos uma palavra que desafinasse a harmonia de nossos sentimentos, quando muitas vezes pensamos e discutimos em divergencia de opiniões—confesso—doeu-me a sua reserva e o seu segredo; quando já rumorejava lá fóra por entre o povo e avolumava-se com toda a accentuação de verdade a historia da miraculosa transformação da sagrada forma em sangue.

Mas como «*non est sapientia, non est prudentia, non est consilium contra Dominum*», o segredo que subtrahia-se as confidencias da velha amisade, lá escapava, não sei como, tornava-se uma revelação que repercutia ao longe, e de longe traziaromeiros que chegavam ao Joazeiro perguntando—aonde estava o precioso Sangue, que tinham vindo adorar.

O NEMINI DIXERITIS que a auctori-

dade do confessor e a força moral do Sacerdote impunha a suas penitentes e às testemunhas de vista, se no Joazeiro podia ainda correr um véo sobre o extraordinario facto; lá fora, longe do theatro do acontecimento, era de todo nullificado pelas cem trombetas da fama e pelo milhar de milhões de boccas do jornalismo e da imprensa.

Já o «Diario do Commercio» do Rio em 19 de Agosto de 1889 dizia:—«A principio entendeu dever o Padre Cicero occultar quanto acontecia»—e o «Diario de Pernambuco» de 29 do mesmo mez e anno affirmava por sua vez que «não obstante o Padre Cicero ter guardado toda a reserva sobre tão merifico acontecimento, com tudo foi elle de alguma sorte sempre divulgado pelas pessoas comparecentes á mesa da communhão e que d'elle foram testemunhas presencias. Mas a manifestação devia ainda ser mais completa no dia 7 de Julho, quando a egreja do Joazeiro cobria-se de galas e esplendores para celebrar a festa do Precioso Sangue—repetiu-se o prodigio á vista e face de um numeroso concurso que lá fôra assistir á festa. Não foi possível, pois, guardar mais reserva nem velar o mysterio.»

Bastava com effeito!

O homem pôz... mas Deus dispôz.

2.º

Se a publicidade do maravilhoso facto estabeleceu se apesar dos pesares—o Culto que era e é a solemne affirmação e o reconhecimento publico de sua existencia, tambem teve por si um poder superior que pisou por cima de duas forças invenciveis n'este mundo—o poder da auctoridade que manda—e a submissão do subdito que obedece.

E' sabido que o Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr. Bispo Diocesano, D. Joaquim José Vieira mandou ao R.^{mo} Padre Cicero Romão Baptista que «prohibisse qualquer culto a esse Sangue.»

Em obediencia elle retirou da capella do SS. a caixa de vidro que continha os corporaes, toalhas e sanguinhos, que o linham recebido da Hostia Sacramental.

Mas logo após lá veio á mesa da communhão a mesma miraculosa transformação e com tanta virtude que de uma PARTICULA unica correu tanto sangue que chegou a cahir em terra, não obstante todas as precauções do Sacerdote.

Se um dia perante numeroso concurso de povo, a quem nada se poudo occultar, realisa-se assim a milagrosa transformação, ministrando o Padre Cicero a communhão a Maria de Araujo—n'outro dia não é mais com elle que verifica-se a mesma manifestação do

poder de Deus; mas com o proprio Senhor Commissario do Prelado Diocesano, qualquer que fosse, o logar, o dia e a hora que V. S.^a R.^{ma} mesmo administrasse a communhão á humilde religiosa e qualquer que fosse tambem o illimitado concurso testemunhal e a provação exigente e rigorosa da sciencia.

Atravez, pois, de contrariedades e de contradicções o miraculoso facto evidenciou-se o que era—indestructivel e invencivel.

Ainda essa vez o homem pôz... mas Deus dispôz.

O Sangue, que se retirou da Capella do SS., que occultou-se da vista e da reverencia do povo—começou de novo a apparecer todos os dias na Hostia Sacramental e parecia dizer aos fleis:—*Ecco ego vobiscum sum omnibus diebus.*

Que fazer agora?

Onde esconder o Precioso Sangue?

E se a Hostia Sacramental vertendo sangue e agua do Divino Coração, para que ainda uma vez e perante V. S.^a R.^{ma}, Senhor Commissario Diocesano, tomou ella a forma do Coração?

Jesus Christo que é a mesma Verdade, nunca fez e nem faz milagres senão em confirmação da verdade, e os que V. S.^a R.^{ma} no Joazeiro e no Crato ouviu com toda a attenção, com effeito são testemunhos tão incontestaveis que constituem esse genero de prova, que nem os homens, nem os proprios diabolos podem jámais destruir; porque vem de Deus e é de Deus.

Impossivel, porém, R.^{mo} Senhor, lhe foi o trabalho de registral-os todos.

Pela sua notoriedade e pelo seu numero sempre crescente é que nunca cessaram um só instante as promessas e os votos a esse SANGUE que chamam e crêem PRECIOSO.

E' verdade tambem que nunca cessaram os milagres que Lhe foram pedidos.

Doentes de toda enfermidade, paralyticos, loucos, cegos e sobretudo peccadores em grande numero têm voltado ao doce goso das occupações da vida, do movimento, da intelligencia, da luz e da graça.

E assim tornou-se inevitavel o culto que em satisfação do voto feito aqui, alli, áquem, alem, em varios pontos de diferentes Dioceses era e é de imprescindivel dever de consciencia, que a creatura favorecida não pode deixar de ser agradecida pela graça pedida e recebida.

A prohibição Diocesana desapareceu, pois, de todo e annullou-se mesmo deante d'esse Poder Superior, que piza por cima das duas forças invenciveis d'este mundo—o poder d'auctoridade que manda e a submissão do subdito que obedece.

3.º

Se a publicidade do milagroso facto se fez contra a vontade humana, se o reconhecimento solemne de sua existencia teve por si um Poder superior e invencivel—a qualidade do Culto que se lhe tributou, revêla, publica e affirmo que Sangue é esse que continua a dar saude ao enfermo, movimento ao paralytico, intelligencia ao louco, luz ao cego e graça ao peccador.

Deus assignala suas obras e todas as cousas tem seu caracter distinctivo tão saliente que o cego mesmo conhece que a voz é de Jacob e as mãos de Esau.

Cumpre, pois, notal-o.

Dous factos extraordinarios, dous grandes testemunhos de sangue se deram no Joazeiro—a stygmatisação de Maria de Araujo e a transformação da Hostia Sacramental em sangue.

Um e outro teve espectadores e por testemunhas auctoridades ecclesiasticas como V. S.^a R.^{ma} e seu digno Secretario, padres, drs. em medicina, bachareis em direito, centenaes e milhares de pessoas de toda idade, posição, qualidade e condição.

Um e outro produziu tambem seus effeitos, mas tão differentes e distinctos, que cada um dos dous factos deu testemunho do que era e definiu-se por si mesmo.

E assim é que a stygmatisação foi sempre um spectaculo mais curioso, sempre teve mais que ver—mas aquella humilde serva de Deus deitada em pobre leito, com os braços abertos em forma de cruz, desenhada em sangue a corôa de espelhos ao redor de sua cabeça e esse sangue a correr-lhe sobre os olhos amortecidos e sobre a bocca entre-aberta e estuando de sêde, o peito arfando de mortal agonia, as mãos furadas e os pés rompidos borbulhando sangue—nunca poudo excitar n'alma christã do espectador senão um sentimento de admiração.

Nunca vi ninguem cahir-lhe aos pés, beijar-lhe aquellas chagas, chorar a lagrima do arrependimento, pedir-lhe perdão de peccados e render-lhe qualquer culto; embora seus stygmas fallassem com eloquencia inexcedivel dos cruellissimos martyrios de Jesus.

E' que esse Sangue que d'elles dava ainda esse testemunho ao vivo, era humano, simplesmente humano, e na sua condição de humano não teve e nem podia mesmo occasionar um culto que não lhe era devido.

Não assim o Sangue que sahia da Hostia Sacramental: apenas manifestava-se, recebia immediatamente toda a reverencia de latria.

Entretanto a transformação nunca foi espectacular como a stygmatisação e nem podia commover a sensibilidade

do coração humano pelas imagens sensíveis das scenas da Paixão que também nunca exhibiu.

Sempre simples e muito simples: a Hostia Sacramental ora conservava a primitiva forma circular, ora tomava a forma de coração, e da face superior rorejava o sangue, em que se transformava, deixando visíveis partes ou fragmentos de sua especie azyma.

Mas esse Sangue, a alma christã do espectador nunca ponde vel-o sem sentir-se penetrada de respeito e commovida até a effusão das lagrimas.

Jamais ninguém passou por deante d'Elle, que não genuflectisse, que não beijasse o chão, que não orasse.

Nunca houve romeiro que voltasse á terra de sua patria ou de sua residencia, sem levar, como reliquia de raro valor, uma fita ou um cadarço que tivesse tocado na caixa de vidro, que contém as toalhas, corporaes e sanguinhos que receberam esse Sangue da Hostia Sacramental.

E que maravilhas não se contam d'essas fitas e d'esses cadarços que o povo chama — medidas do Precioso Sangue!?

O testemunho, pois, que a Hostia Sacramental dá d'esse Sangue, em que se transforma, justifica o culto de latria, que Elle tem recebido, e robustece a fé de que esse Sangue é Divino; porque só Deus é que tem o poder de Deus, pode obrar milagres, e nas especies sacramentaes só existe e só pode existir o Corpo, o Sangue, a Alma e Divindade de Nosso Senhor Jesus Christo.

Não estando porém de conformidade com esta doutrina de fé a interlocutoria que decidiu que «o sangue apparecido nas sagradas formas não é e nem pode ser o sangue de Nosso Senhor Jesus Christo», protesto desde já perante V. S.^a R.^{ma}, Senhor Commissario Diocesano, pela Appellação á Santa Sé na forma e no praso da Lei, e constituo meus Advogados e Procuradores n'essa causa do Precioso Sangue, aos R.^{mos} Srs. Padre Cicero Romão Baptista, Dr. Francisco Ferreira Anthero, com plenos poderes para tudo o que fór a bem do direito da mesma causa.

E assim requeiro a V. S.^a R.^{ma}, Sr. Commissario Diocesano, que se digne fazer juntar aos Autos o presente Memorial que por deferencia á notificação recebida tenho a honra de apresentar, como confissão singella e sincera da verdade, tal qual posso dizel-a perante Deus e com sua graça sustental-a no tribunal dos homens.

Deus Guarde a V. S.^a R.^{ma}.

Ill.^{mo} e R.^{mo} Sr. Padre Glycerio da Costa Lobo, Dig.^{mo} Commissario da verificação dos Milagres do Joazeiro.

José Joaquim Telles Marrocos.

Eis os documentos relativos aos factos (se falsos, se verdadeiros, dil o-ha o futuro), que por mais de tres annos tem agitado os povos da provincia do Ceará. Outras versões se diffundem concernentes a este melindroso assumpto, o que faz sustar prudentemente qualquer juizo sobre elle. Não se ignora quanto é grande a impostura humana, sempre disposta a especular na expectativa de interesses mesquinhos. Estaremos, nos successos do Joazeiro, em face d'um grupo mal intencionado com aptidões de sacrificar a verdade á mentira?

E' talvez cedo ainda para o decidir.

Como já dissemos, informações seguras nos habilitam a testificar o subido empenho da auctoridade ecclesiastica do Ceará em apurar o que n'este ponto haja de exacto. A distancia porém entre a capital da diocese e o theatro d'estes acontecimentos, distancia superior a trezentas milhas, sem vias facéis de comunicação, é impedimento grave para que, sem longo prazo, se chegue a liquidar qual a verdadeira origem d'estes singulares phenomenos.

Informados os leitores do que se tem passado, reservem-se para mais tarde accentuar a verdade, qualquer que ella seja, visto que ella só se torna conveniente ao bem espirital dos fleis.

A.

SEÇÃO CRÍTICA

Jornalismo catholico

ESTÁ radicalmente provado quanto o jornalismo influe na orientação das idéas da grande maioria dos assignantes e leitores, e quanto estes, ensinados pelo jornal, vão influir no estreito ou dilatado circulo das pessoas que os rodeiam. Os apóstolos pregaram, (Nos vero... ministerio verbi instantes erimus) porque, nos primeiros seculos, a arte de ler circumscrevia-se a um numero muito reduzido de pessoas, e a transmissão do pensamento pela palavra escripta, antes da invenção da imprensa, era de tanta difficuldade que só os mimosos da fortuna obtinham sua meia duzia de volumes.

Hoje, são os tempos outros. Com facilidade e baratamente se diffundem os livros e os periodicos. O não saber-se ler converteu-se em tamanho desdouro, que raro chefe de familia se encontra de character a tolher a instrução elemental aos que tem subordinados.

Lê-se pois hoje por toda a parte, e lê-se muito, e leem muitos.

Sendo a leitura um grande bem, como é, devêra tam só empregar-se para utilidade das pessoas que a co-

nhecem, auxiliando-as na consecussão de seu fim supremo pela obediencia exacta ao que sejam designios de Deus a seu respeito.

Não é porém assim.

O inimigo, que de tudo se vale para ruina das almas, valendo-se da levianidade dos homens, propinou-lhes a imprensa athéa, a imprensa racionalista, a imprensa liberal, a imprensa anticatholica emfim, para assim a perder, tanto pelo livro como pelo jornal. Contam-se por milhões os incautos d'esta natureza, e algum de nossos leitores, ao percorrer estas linhas, pondo a mão na consciencia, observará se ella o reprehende das imperfeições concernentes ao que vimos afirmando.

Ha muito que emendar.

Veçados á leitura do mal e do erro, urge tomar caminho novo em procura do bem e da verdade.

Na parte periodica da imprensa os jornalistas catholicos, merecedores de todo o encomio, intentam actualmente reunir as forças, animados a mais efficacia na tarefa insigne de sustentar, firmemente os direitos sagrados da Egreja e da patria, pela regressão ao bom campo, de tantos que as paixões do coração e do espirito tem pervertido o desnordeado.

Ouve-se de toda a parte um clamor unisono reclamando a boa ordem para facilitar a acção.

Intenta-se um congresso que não deve ficar improffcuo, como vemos pela garantia que lhe dá a boa vontade e estremado zelo dos que se veem a animar tam benemerita empreza. A *Ordem*, a *Palavra*, o *Commercio do Minho*, a *Nação*, publicam ha tempos importantes artigos advogando a necessidade d'um congresso da imprensa catholica, onde se discutam as bases e se estabeleça firmemente a unidade de acção. Louvavel tentame, cujo resultado pôde influir de modo singular na regeneração da nossa patria, na defesa da causa sacratissima da Egreja, a causa de Jesus Christo. Pela imprensa se ha disseminado a doutrina que produziu os fructos perniciosos d'onde a sociedade extrahiu um alimento envenenado; pela imprensa se deve espalhar o antidoto de tanto e tam profundo mal.

A Egreja é a *enviada* de Jesus Christo, mas os liberaes, puros racionalistas, negam-lhe a elevada missão que lhe toca e guerream-na como sociedade puramente humana e sociedade hostil. A Egreja é o *orgão* de Jesus Christo; entretanto, o poder civil, conculcando-lhe os direitos, impede-lhe o desinvolvimento a que tem indiscutivel jus; é a *Esposa* de Jesus Christo, e uma cohorte de impios, dominando ha tanto tempo, cospe vilmente o rosto formosissimo da nossa mãe caridosa, que recolhe o

seio a pobre humanidade degenerada em Adão, para a offerecer dealhada por suas virtudes á adopção do seu Esposo.

E diga-se francamente, que embora seja durissima verdade, é todavia uma verdade: A INCURIA DOS CATHOLICOS HA SIDO UM FORTE AUXILIAR PARA IMPELIR A EGREJA AONDE A VEMOS, e attrahir sobre a nossa patria a somma de

tos immortaes que lhes pertencem. Levantem-se, pugnando pela Egreja e pela patria, entidades que tanto convem viverem unidas.

O congresso projectado, pode ser e deve ser um esforço de dedicação para animar os homens de boa vontade na reivindicção de tantos direitos usurpados. Vai já longo o periodo em que o

O ultimo livro do Snr. Lino d'Assumpção

(Continuação do n.º 6)

A SEGUNDA parte do livro intitula-se o auctor: «Um Collegio Jesuitico no seculo 16. Reconstrução da vida intima d'um collegio da Companhia



ULTIMAS HOMENAGENS AO SALVADOR

desastres que tam amarga e tardiamente pranteamos.

Os catholicos succumbiram medrosamente ás primeiras aggressões por que foram salteados. Baldos de união, caíram d'um modo lastimavel. Por annos largos sentiram-se espinhados por aquelles de quem deviam ser os vencedores. Como os discipulos, acabardaram-se mal assomou a hora das trevas.

Levantem-se pois, que é tempo ainda. Levantem-se em defeza dos direi-

medo, sim o medo, impingido no mercado sob a forma de prudencia, ha tolhido miseravelmente a acção dos que não deviam abrir mão da espada em quanto não vissem o bem e a verdade no logar d'honra que lhes pertence.

Venha pois o congresso e deixe de si boa memoria.

A.

de Jesus, segundo o livro das Obediencias dos geraes, do uso do Reitor do Collegio de S. Fins, de Braga.»

Ocioso seria dizer que as 55 paginas, que formam esta parte do *Cath. da C. ao Sertão*, são, como todo o livro, dignas do auctor e o auctor digno d'ellas. Sempre o mesmo concerto odiento de insinuações malevolas e mentiras mal disfarçadas, que nos revelam no auctor um espirito que, de tão fanatisado pelo odio que vota á Companhia, está ameaçado de perder os ultimos

restos de senso commum, que por ventura hajam escapado ao dessoramento d'aquelle cerebro.

Estavamos bem longe de imaginar que o fanatismo podesse levar a taes ineptias.

O pygmeu, sentindo-se incapaz de ao menos abalar o gigante, que o assombra com o clarão fulgentissimo emittido das paginas da sua historia, mais que tres vezes secular, estrebuxa furioso mas impotente, e vingase em gosmar a bilis com a calumnia que nem ao menos penetra a roupeta dos filhos da Companhia. E, o que é mais, na precipitação do combate a que o impelle o seu fanatismo de peor especie, ataca tão desastradamente e com tanta impericia que se fere, procurando ferir.

A historia nem se rasga nem se falsifica, Sr. Lino. Podem propinar-se a plenas mãos nos livros de pequeno tomo mentiras á conta de verdades; podem mesmo embair-se muitas dezenas de incautos, que irão quiçá para as columnas do jornalismo de negocio felicitar em encomios sem auctoridade os pretendidos *trabalhos perseverantes* de qualquer pseudo narrador de factos; mas a historia, a historia que vê os acontecimentos sempre atravez do prisma da verdade imparcial, legará aos vindouros, em mil documentos de uma verdade irrefragavel, a exposição leal e completa ácerca das pessoas e das instituições.

Assente no lixo o torvelinho de pre-conceitos e falsos juizos que obscurecem o criterio de grande parte da nossa burguezia, ainda não bem em si da vertigem com que a estonteou a inopinada ascensão ás eminencias do poder, ha de emfim raiar o dia em que se faça justiça a tudo e a todos.

No tribunal da historia será réu, não a Companhia que é insultada e o Catholicismo—religião divina—que aquella defende, mas sim os seus insultadores, mórmente os que insultam, usando de processos que o senhor Lino muito bem conhece.

A desverdade com que narra os factos, o acinte com que de successos in-differentes infere intencões perversas, só porque foram praticadas pelos filhos de Santo Ignacio, hão de ser desapiedada mas merecidamente qualificados: o olvido desdenhoso será a mais benevola sentença que lhe possa ser comminada.

Não julguem os leitores do «Progresso Catholico» que nutrimos qualquer sentimento de animosidade, e muito menos de odio, para com o auctor do *Cath. da Corte ao Sertão*; a verdade é porém tão necessario á intelligencia que, ao vermos o erro voluntario procurando illaquear incautos para lhes arrancar do espirito todas as esperanças, su-

bstituindo-lh'as pela peçonha do desespero sem balsamo nem conforto, doese-nos o coração: e o sentimento, quando é sincero, desborda do coração pela penna e alastra-se no papel.

De fugida e a titulo de amostra apresentaremos algumas passagens d'esta segunda parte.

O Sr. Assumpção procurando, diz reconstituir a vida intima de um collegio da Companhia, no seculo 16, valeu-se do livro das *Obediencias dos generaes* do uso do Reitor do Collegio de S. Fins de Braga, livro que, segundo nos affirma o mesmo escriptor, existe actualmente no Cartorio da Secretaria da Universidade.

Usa porém do livro das *Obediencias* do modo que não pode menos que excitar reparo: apresenta, subordinando as epigraphes de sua lavra, pequenas citações extrahidas da mencionada colleccção.

Ora quem, por pouco tempo, tenha lidado com livros, sabe quanto este singular methodo de fazer demonstrações pode induzir os leitores em erro, ainda que as copias sejam feitas com lealdade, como, com certeza o foram no caso sujeito. No discurso, a maior ou menor extensão e comprehensão dos termos, etc., etc. deve aquilatar-se tendo em consideração antecedentes e consequentes; e o contexto da phrase é um meio hermeneutico que a sciencia aconselha de accordo, n'isto como em tudo, com o senso commum.

Ora o Senhor Lino não fez conta n'este ponto dos conselhos da lealdade historica, que muito bem sabe substituir pelas furias de sectario: apresenta por vezes, citações muito breves, impossibilitando o emprego do contexto e o conhecimento da significação verdadeira dos termos equivocos que, diga-se de passagem, elle determina, como lhe convem, com explicações da sua lavra que, tem ao menos a recomendar-lhes o merito uma impudencia e um cynismo mais irritantes que a mesma calumnia.

Um exemplo elucidará o caso e mostrará o *historiador*.

Sob a epigraphe *Residencias perigosas* discretéa o Senhor Lino da seguinte maneira, a pag. 68 da sua *monumental* obra:

«O documento que se segue quer por força dizer muito, visto que pouco entendemos do seu conteúdo. (Excesso de modestia: o auctor vae já mostrar que entende e muito.)

«Falla-se n'elle n'uns certos *desastres* que, se a nossa peccaminosa perspicacia não erra, não seriam quedas provocadas pelos caminhos asperos, cheios de covas e precipicios, faltos de pontes, sem commodo nem segurança.

«Suspeitamos até que é muito possível que certas (entente ou não entende...) fazendas ou vivendas se convertessem em *paraizos terreaes* e que as proximidades das Evas tricanas, disputando a sugestão genesiaca no meio da paisagem verdejante e perfumada da beira rio, fizesse morder com delicias condemnaveis a maçã do amoroso peccado a algum Adão de batina, menos resistente do que Santo Antão de severa memoria, ou Santo Antonio d'angelica fortaleza. Nos malagaes e salgueiraes do Mondego, não cresciam por certo as silvas lancinantes que serviam de mortificação ao serafico Francisco d'Assis, quando o demonio da carne se lhe apoderava do corpo enfraquecido pelo jejum e retalhado pelo cilicio.

Os estudantes dos jesuitas oravam pouco, e por isso entravam frequentes vezes em tentação, d'outra sorte não teriam provocado as seguintes observações:

Carta do geral Everard Mercuriano ao Padre visitador Miguel de Sousa. Julho de 1570.

«Tenho visto como nas residencias que temos se repetem os desastres. V. R. empenhe-se em que os nossos não corram perigos, e muito folgarei que, quanto possível, os nossos venham dormir em casa; não se entende isto nas ferias, quando muitos estão em Villa Franca e outras residencias semelhantes, de muitos irmãos porque então não parece que haja este perigo».

Que a piedosa illustração dos estimaveis leitores nos releve a leitura das paginas 68 e 69 do *Catholicismo da C. ao S.* a que, de alguma sorte, os obrigamos. Todavia se pelos fructos se conhece a arvore, indispensavel se nos torna attentarmos n'aquelles a fim de fazermos d'esta um juizo adequado. E hoje mais que nunca precisamos conhecer os homens que se tornaram—antes pela nossa incuria de que se prevalecem habilmente, que pelos proprios merrecimentos—os impulsioneiros dos sentimentos irreflectidos das turbas, a que, por irrisão o nosso seculo, apodam de *opinião publica*.

E pensamos que as duas paginas acima transcriptas nos dão a photographia do perfil do *historiador*, a quem as folhas liberaes não tem pejo de queimar o incenso vil da adulação.

Mostram-no com effeito acobertandose cobardemente com um texto que, isolado, é de interpretação impossivel, como o mesmo auctor ousa confessar (1); vertendo suspeitas improvasdas sobre a

(1) «O documento que se segue quer por força dizer muito, visto que pouco percebemos do seu conteúdo.» *Cath. da C. ao Sertão*, pag. 68.

moralidade nunca discutida dos collegios da Companhia, insultando memorias venerandas de varões justissimos, que a Igreja elevou ao culto dos altares depois de conscienciosa investigação e exame, e que a maioria dos cidadãos portuguezes veneram santos; antecedendo maliciosamente a citação do texto da carta do geral Everard Mercuriano de considerações moldadas no odio que vota á Companhia e a tudo o que é religioso, a fim de fazer aceitar pelo leitor incauto a interpretação maliciosa do termo equivoco—desastre—que malevolamente lhe propina; n'uma palavra mostram-no escrevendo, não á face de documentos que não deixem margem a duvidas como faz o historiador, não mentindo alvar e despejadamente como procede o calumniador inoffensivo e sem responsabilidade, mas sim adduzindo traiçoeiramente documentos equivocos e mutilados, cujo verdadeiro sentido o leitor está por isso impossibilitado de attingir, interpretando-os em seguida a capricho dos seus odios impios e confessados.

Que qualificação quadra a tal procedimento sabem'a os leitores. Voltemos sem demora a pagina enojados.

Paredes, 25 3-92.

(Continua)

A. A.

Irmandade dos Clerigos Pobres

(Continuado do n.º anterior)

MAS releva terminar.

De tudo que levamos ponderado, e que nos foi suggerido pelo ultimo relatorio da *Irmandade dos Clerigos Pobres* e confronto d'elle com os precedentes, devemos concluir que a *Irmandade* tem ultimamente atravessado um periodo activo e fecundo.

Refundido o seu systema organico; melhoradas as suas finanças; installada por forma a poder satisfazer aos multiplos officios da sua missão benefica; relativamente com crescido numero de socios—tudo leva a crer que, não declinando d'este trilho e proseguindo com passo tão seguro, em curto trecho logrará prestar a todo o clero portuguez, a protecção e valimento de que elle anda, ha tanto, orphanado.

A imprensa poderá favorecel-a muito, n'este empenho.

Basta que da sua organização, dos seus fins, dos progressos que vae fazendo, e de tudo o que aquella agremiação interessa, traga os seus leitores informados.

Na imprensa catholica do paiz lidam muitos ecclesiasticos e amigos do cle-

ro, que não esquivarão os hombros, a empreza tão facil.

O assumpto não é incompativel da indole dos periodicos religiosos, nem tomará grande espaço.

Quantos dos seus assignantes poderão, por tal apostolado, ter conhecimento da *Irmandade dos Clerigos Pobres*? Quantos resolverão procurar o amparo, que ella garante á mingua de todos os clerigos?...

Os encargos pecuniarios que a *Irmandade* impõe não são absolutamente incomportaveis para a maioria, embora lhe importem sacrificio.

Mas a fracção restante deve ser relegada?

N'ella terão sem duvida, pensado as Mesas.

Para alcançarem abrangel-as na orbita dos seus favores, não deixarão de ter resolvido tornar mais accessiveis as joias e as mensalidades. E a este *desideratum* só se poderá chegar, quando o numero de socios, por crescido, garantira fartos recursos.

Demorem, pois, os olhos com sympathia os jornalistas catholicos na sorte pouco invejavel do clero portuguez. Ia teressem-se por elle, encaminhando-o para o unico instituto de caridade que, entre nós, pode erguel-o do abatimento financeiro, a que chegou, e de que o não levantarão governos, senão hostis, in differentes pelo menos á sua prosperidade.

Amparada a maior parte, será facil então prover de remedio aos mais necessitados. Alvorecerá melhor sorte para quantos humildes sacerdotes se encontram por essas obscuras aldeias, esparsas pelas gargantas das serras mais asperas, ou pelos mais sertanejos recantos do paiz.

Na aldeia o numero de ricos é por via de regra negativo; o dos remedios insignificante; o dos pobres constitue a quasi totalidade.

Como se poderá alli viver com o escarneo de uma congrua, que desce muitas vezes a 18\$000 reis?!

Quanto desconforto na doença! quanto desamparo na agonia de um d'esses miserimos curas, que fizeram talvez um brilhante curriculum de estudos; que teem um curso superior, não menos trabalhoso que outros bem retribuidos; e que encheram porventura uma larga vida de zelo e de virtude!

Em obsequio de todo o clero, que a imprensa envide o seu prestigioso esforço em tornar bem conhecida a *Irmandade dos Clerigos Pobres*, ou *Monte Pio do Clero*. Que leve a todos os auxilios do paiz, a convicção de que o ecclesiastico portuguez tem no *Monte Pio*, o seu real e verdadeiro patrimonio.

Que termine, emfim, esse deprimente espectáculo que nos teem dado res-

peitaveis clerigos, exaltando em petições, talvez regadas de lagrimas, a perspectiva de uns modestos 100 reis quotidianos; e o que não dóe menos—que deixemos de vél os andar, pelas redacções do jornalismo catholico, entendendo o chapeo ao cobre da caridade!...

Padre Raymundo.

Sentinella

O *modernismo* constitue ou colloca suas sentinellas com as instrucções (*la consigne*, dizem os francezes) assim:

Quem vem lá? Um Bispo, que vai *Ad Sacra Limina*! Não pôde passar.

Quem vem lá? Uma Peregrinação que se dirige ao Vaticano! Não pôde passar.

Quem vem lá? Os Irmãos de uma Confraria para uma procissão! Não podem passar.

Quem vem lá? Os catholicos em peditorio para a fundação de um Hospital Catholico! Não podem passar.

Quem vem lá? Uma associação de fundadores de Escolas Christãs em projecto! Não podem passar.

Quem vem lá? Uns capitalistas christãos, que vão guerrear a *usura judaica*! Não podem passar.

Quem vem lá? Os devotos que se dirigem á casa de Deus! Não podem passar.

Quem vem lá? A mocidade, que vai á doutrina christã! Não pôde passar.

Quem vem lá? Uns pais, que vão arrancar seus filhos do vicio! Não podem passar.

Quem vem lá? Uns portadores de objectos de piedade! Não podem passar.

Quem vem lá? Um Padre! Não pôde passar.

Quem vem lá? Uns portadores de bons livros! Não podem passar.

Quem vem lá? Um Bispo em visita pastoral! Não pôde passar.

Quem vem lá? Uns conscenciosos vendedores que não envenenam o proximo para se enriquecerem! Não podem passar.

Quem vem lá? Uns Enviados de Deus! Não podem passar.

Quem vem lá? Uns operarios e artifices, respeitadores dos domingos e mais festas de preceito, que vão ouvir Missa! Não podem passar.

Quem vem lá? Um parochio que leva os soccorros espirituaes a varios infernos! Não pôde passar.

Emfim a *sentinella do modernismo* tem instrucções (*la consigne*) dadas pelos seus superiores para não deixar passar tudo que seja ou possa ser verdadeiramente religioso e moral.

* * *

Querem ver agora qual é o *passado do modernismo?*

Quem vem lá? Uns *revolucionarios!* Passem.

Quem vem lá? Uns usurpadores dos bens da Igreja! Passem.

Quem vem lá? Uns Professores que não *falam de Deus* e uns amigos de elles *atheus!* Passem.

Quem vem lá? Uns *escriptores* que atacam o Catholicismo! Passem.

Quem vem lá? Uns *usurarios!* Passem.

Quem vem lá? Uns actores do *realismo indecoroso!* Passem.

Quem vem lá? Uns profanadores descarados dos dias de festa de preceito! Passem.

Quem vem lá? Uns galopins eleitoraes, que vão *comprar consciencias!* Passem.

Quem vem lá? Uns compradores de *causas perdidas!* Passem.

Quem vem lá? Uns empregados, que mais conversam e fumam do que trabalham! Passem.

Quem vem lá? Uns politicos *pro domo sua!* Passem.

Quem vem lá? Um bando de arlequins e comediantes que buscam tornar irrisoria a Religião! Passem.

Quem vem lá? Uns *filhos de Israel*, que levam dinheiro aos *jornaes* que atacam o Christianismo! Passem.

Quem vem lá? Uns *exactores* de tributos a ferro, fogo e sangue! Passem.

Quem vem lá? Um grupo de janotas, que vai fazer apologia da ociosidade *do Chiado!* Pódem passar.

Quem vem lá? Uns contrabandistas para envenenamento, por *escriptos*, dos corações e das almas! Pódem passar.

Quem vem lá? Uns filhos, fugidos aos pais, que vão para a *escola sem Deus!* Pódem passar.

Quem vem lá! Uma mascarada insultuosa para os padres! Póde passar.

Quem vem lá? Um grupo de propugnadores pelos *direitos do homem contra* os direitos de Deus! Póde passar.

Quem vem lá? Um rancho de distribuidores e vendedores de *jornaes* pouco ou nada escrupulosos no que se refere á crença e á moral! Póde passar.

Quem vem lá? Uns *philosophos positivistas* que vão conferenciar sobre *sua doutrina!* Pódem passar.

Quem vem lá? Uns amigos *indifferentistas em materia de Religião*, que tanto se *les dá como se les dá!* Pódem passar.

Quem vem lá? Uns *empreiteiros*, que fazem trabalhar seus *operarios* despresando os dias festivos de preceito! Pódem passar.

Quem vem lá? Uns *fúlios*, que vão para *festanças*, deixando as familias em risco de fome, ou já famintas! Pódem passar.

Finalmente póde a *sentinella* deixar

passar todos e tudo que seja *novidade moderna* e transtornadora, quanto lhe é possível, da justiça, do bom senso, da boa ordem; que não chama ás armas para prestar adoração a Deus, pois que *ella é a sentinella do Diabo: Vade rétro!*

Dom Antonio de Almeida.

SECÇÃO NECROLOGICA



Guimarães perdeu (em principios de março) uma das mais bem fadadas creaturas, que Deus envia ás agruras do mundanal desterro, para communicar um beneficio a quantos fruem a ventura de lhe estarem perto. Foi a nunca assás chorada D. Custodia Margarida de Mattos Chaves. Esposa e mãe, fóra, tal vez, igualada por poucas, mas excedida por ninguem. Ao pé da cruz, apprendeu a desempenhar com rigor a missão preciosissima que o Omnipotente e Omnisciente se dignou distribuir-lhe. Sanctificou-se e sanctificou os outros. Os seus ultimos tempos foram uma dor continua que lhe abrilhantou, com o esmalte da paciencia, a coroa que o céo lhe destinara. Paz a esta alma de eleição.

— Deploramos igualmente a perda de dois assignantes prestimosos, o sr. Antonio Domingues Gonçalves, de Christello, e o R.^{mo} Padre José d'Araujo Coutinho.

Aos nossos caridosos leitores rogamos uma prece por estes nossos irmãos. verdadeiros percursores a ensinarem-nos como hemos de viver para que nos acolha uma morte de justos.

D. P.

SECÇÃO LITTERARIA

STABAT-MATER

Estava a Mãe dolorosa
Junto ao pé da Cruz chorosa,
Emquanto o Filho pendia.
Cujá alma a cruel espada,
Que lhe foi prophetisada,
Tyrannamente a feria.

O' quam triste e quam ællicta
Se viu a sempre bemdita
Mãe do nosso Redemptor!

A qual chorava e gemia
Porque as penas crueis via
De Jesus, seu doce amor.

Quem não sentira e chorara,
Vendo a mão de Deus preclara
De dôres tam traspassada!
Quem se não entristecera
E se não compadecera
De Mãe tam penalizada!

Viu que depois de açoutado,
Foi em uma Cruz pregado
Jesus, seu Filho innocente.
Viu mais a Jesus querido
Despedaçado e ferido
Morrer por nós cruelmente.

Dai-me, Mãe, fonte de amores,
Parte d'essas vossas dôres,
Para comvosco chorar,
Fazei que o meu coração,
Sentido d'esta paixão,
Com dor se veja estalar.

O meu duro peito abri,
Dentro as chagas lhe imprimi
De Jesus, vossa doçura.
Fazei que eu morra de amores
Por Jesus; e suas dôres
Sinta com grande amargura.

Fazei que n'esses tormentos
De Jesus, meus pensamentos
Empregue emquanto viver.
Junto da Cruz quero estar,
Para vos acompanhar
N'esse pranto até morrer.

Chorar comvosco quizera,
O' Virgem: e quem me dera
Morrer tambem por Jesus!
Fazei que, sentindo a morte
De Jesus, eu tenha a sorte
Que me alcançou n'essa Cruz.

Com essas chagas ferii-me,
E tambem á cruz unir-me
Desejo, Vigem Maria.
Peço-vos ser amparado
Por Vós quando fór julgado
Em o meu ultimo dia.

Pela morte e pela Cruz
Que padeceu Meu Jesus,
Do inferno dai-me Victoria.
Dai-me graça finalmente,
Para morrer felizmente,
E ver-vos na eterna gloria.

RETROSPECTO

Chronica

Findou a legislatura com o solemne encerramento dos cortes em 2 de abril. No ministerio não corre perfeita harmo-

nia; alguns membros intentam alliviar-se do peso que os onera, largando o fardo a hombros mais vigorosos. Não vai tempo de cubija para as pastas governativas. Em face do desanimo dos liberaes, que tantos annos levaram a offerecer a felicidade ao povo portuguez involta na bandeira sacrosanta da liberdade, e que por fim apenas lhe deram a deshonra e a infamia que ahi vemos, cumpre aos homens de bem, que os ha, impollutos das miserias que puzeram a patria nas vascas da morte, unirem seus esforços para a salvacão commum, possivel ainda, quando haja dedicacão e coragem.

Se estes não tomam o posto que lhes pertence, a nossa autonomia baqueará dentro de curto espaço. Uma guerra européa, que facilite a qualquer nação proceder como osco analogamente aos piemontezes, em 70, com os Estados da Igreja, será inevitavelmente o nosso golpe de misericordia.

As eleições estão proximas. Se d'esta vez cada cidadão não cumprir o seu dever, é de recear nos passe a occasião de efficazmente nos valermos.

Basta já de incuria. A indifferença n'esta circumstancia é crime gravissimo.

* * *

Madrid teve por si a velar a Providencia, com singular solicitude, no dia 4 do corrente. Planearam os anarchistas dynamitizar o palacio da camara dos deputados, o do senado, o banco de Hespanha que é um dos melhores edificios da Europa, o palacio da justiça, o da guerra e a capella do paço real. Prevenida a policia, obstou a esta immensa catastrophe, prendendo, na tarde d'aquelle dia, em flagrante, o anarchista francez Debats e o portuguez Manoel Ferreira da Silva Pinto, que resistiram com tenacidade de possessos. Subjugou-os a coragem dos policias, incitados pelo chefe da segurança publica, o coronel Morera, que viu posta a vida em risco pelas aggressões de Debats, prompto, de faca em punho, a anavalhar o intrepido coronel.

Estes excessos de furor, simultaneos com os roubos de dynamite em varias partes, fazem recear que os anarchistas intentem pôr a Europa sob o pavor que a Communa lançou a capital franceza em 1871.

Na camara, o projecto sobre o descanço dominical, motivou a exhibição de grandes verdades, ás quaes não estavam acostumados os ouvidos delicados dos eleitos do povo, eleitos, é certo, mas d'um pensar e d'um proceder diametralmente oppostos aos interesses e ao sentir do povo.

Entre os discursos alli proferidos sa lientou se d'um modo brillantissimo o

do insigne tradicionalista D. Ramon Nocedal, que foi uma correccão em forma aos sophismas pouco artificiosos do deputado Villaverde. Nocedal, no seu entusiastico fervor pela boa causa, pro Juziu uma joia inapreciavel, digna de emparelhar com as dos principes da verdadeira eloquencia. Poucos erros modernos deixaram de soffrer correctivo do verbo inspirado do notavel orador. Todos os ramos do liberalismo soffreram habil amputacão, para o que chamou em reforço a erudita Pastoral do sr. Bispo de Plasencia.

De Terragona chega a infausta noticia d'um horrivel desacato, praticado por um soldado da guarnição. N'um dia em que cerca de 400 militares foram cumprir o preceito quaresmal, um d'elles, no acto de receber a sagrada particula, recolheu a nas mãos, e a porta da igreja, quando uma velha lhededia esmola, lançou-lhe a Hostia Sancta, dizendo: «Mulher, ahi vai uma peteta.» Aquella cidade crente chora indignada que dentro de seus muros se fizesse tamanho insulto ao Rei dos reis, por quem devera ser um defensor intrepido do altar e do throno. Taes as consequencias de se deixarem tam facilmente diffundir, nas sociedades e nas famillas, as nefastas doutrinas do atheismo. Na catholica Hespanha multiplicam-se hoje, por toda a parte, fervorosos actos do culto em desagravo de tam horrivel delicto.

* * *

O anarchismo, ruim doença de que a França padece, denota de dia para dia maior accesso de febre. Nem banhos do Padre Kneipp vingariam calmar aquellas graves excitações. Vem de longe o mal, e quem devia vel-o para o curar, intendeu portar-se exemplarmente fechando os olhos. D'ahi o trazerem, umas após outras, as folhas francezas a inquietadora epigraphe—LA PANIQUE A PARIS. E certo que alli não faltam sustos. Parece estar-se nas vespersas d'uma espantosa subversão. Tranquillo apenas se mostra o christão, que, de consciencia socegada, se tem prompto para toda a eventualidade, ou o atbeu, que não vê Deus na vida presente, mas o ha de ver no dia do julgamento, para dar-lhe conta de ter olhos e os fechar para não ver.

Pobre Pariz! Se te não vale a fé dos bons que em ti vivem, séria punição te aguarda n'um futuro não remoto. Bombas e anarchistas surgem a cada passo e a cada instante. Na manhã de 28, na rua Clichy, uma bomba de dynamite faz abater um edificio, deixando seis pessoas gravemente feridas, e todas as casas dos contornos fendidas por todas as partes.

Na tarde d'esse dia é invadida a igreja de S. José, onde se praticaram scenas analogas ás da igreja de Saint-Merry: Na avenida La Bourdonnais, um grupo de catholicos é agredido por uma horda de selvagens.

Por toda a parte se võem os magistrados sujeitos a grave perigo, urgindo que a policia os acompanhe e lhes guarde as habitaçoes.

No meio de tudo isto assume proporções legendarias a prisão do celebre Ravachol, anarchista furibundo, fautor, directa ou indirectamente, de todas estas desordens. Não foi sem lucta feroz que os agentes da policia, em grande numero, conseguiram deter o renitente demagogo. Apoz a captura revelou os cumplices que são afuroados por toda a parte com incansavel tenacidade. Os pavores da capital alcançam as provincias, onde se reproduzem ameaças e destroços de igual natureza, o que dá interesse á celebre prophesia de Nostradamus:

Nonante-doux verra trois marmites.
Par quatre fois, unison mettre en poussière.
Sera sauvé l'enfant avec sa mère
Et prise malfaiteurs presque subite.

Cartas inquietadoras são enviadas a muitos cidadãos, e o plano das festas do 1.º de maio vai desde já occupando seriamente a attenção das auctoridades. Em muitas cidades aguardam-se desastres semelhantes aos que enluctaram no anno ultimo os habitantes de Fourmies. N'esse dia, os diversos grupos que hão de constituir o exercito dos manifestantes, reunir-se-ão nas suas respectivas localidades. Ao meio dia receberão ordem de se dirigirem, encorporados, a um grande meeting, para o qual está destinado um salão, cujo sitio só na occasião será anunciado. Os conselheiros municipaes socialistas, que não adherirem ao movimento, são para logo considerados traidores. No intuito de augmentar o numero, é n'aquelle dia concedida amnistia aos anarchistas, que acompanharam as agitações boulangistas e, desde então, tidos, para castigo, como extranhos aos verdadeiros anarchistas.

Julgou-se por um momento que a prisão de Ravachol fóra um profundo golpe na cerviz do anarchismo. Puro engano. A hydra de cem cabeças não morre pela amputacão de uma. Os disturbios de Lyon, Nancy, Marselha, Toulouse, Roubaix, Saint-Etienne, Ruão e outras cidades, demonstram claramente que a prisão a que nos referimos, nada influiu na actividade dos terriveis destruidores.

A muito burguez hemos ouvido que a religião é boa só para o povo. Sim? Mas será difficil chegar-se á conclusão de que se o burguez dispensa a reli-

gião tambem o proletario a pode dispensar?

A religião é para todos. Se as classes superiores dessem o exemplo, as classes inferiores saberiam esperar, saberiam soffrer, saberiam respeitar. Ha de ir intendendo á sua custa o casmurro do burguez, que se a religião é de grande valimento para a alma, é tambem sobremaneira util para o corpo.

Oxalá não venha tarde tam luminosa lição!

* * *

Em Roma está Deus assistindo pe-rennemente ao seu Vigario. Quando pois tudo se apavora em frente de perigos de toda a sorte, reina aqui a tranquillidade, valioso privilegio dos que, fiando-se na divina Providencia, creem não ser eternamente confundidos.

O venerando Pontífice, a despeito da grave senectude, prosegue no desempenho de sua apostolica missão com tamanha regularidade e admiravel intrepidez, como se para elle não volvessem os annos nem onerassem as fadigas. Os odios dos inimigos, que os tem, e fortes, são apagados pelas sympathias affectuosas dos filhós leaes e de quantos homens de bem saibam render homenagem ao merito.

Nas audiencias ordinarias das quintas feiras, admite S. Sanctidade á sua presença os personagens estrangeiros que o desejam ver. Ha pouco tocou esta ventura a Sir Bernard Samnelson, membro da camara dos communs, na Inglaterra. Politico distincto, não deixa passar despercebidos os actos da Sancta Sé, cuja influencia se revela na sociedade. A notavel Encyclica sobre a *condição dos operarios* enthusiasmará o fleugmatico morador do norte, que dirigiu ao Sancto Padre, depois de lhe apresentar as suas homenagens, as palavras seguintes: «Permitta-me V. Sanctidade que um protestante, membro do parlamento inglez, una seu reconhecimento ao do mundo inteiro pela famosa Encyclica sobre a questão operaria.»

As relações entre o Vaticano e o Quirinal conservam-se, como era natural, no mesmo grau de temperatura. O Vaticano sustenta com firmeza os seus di-

reitos, o Quirinal sonha por que os destrua a prescripção. Mas não destrói. Humberto exaspera-se cada vez mais com a attitude do imperador da Austria, obstinado em não lhe pagar em Roma a visita que tem em divida. In-do ao Quirinal não teria admissão junto do Pontífice. Por isso, os ministros do rei piemontez afanam-se ha vinte annos por obter um precedente que mitigasse a energia de Francisco José, e parecia verem já perto o cubizado ensejo: o duque de Chartes propunha-se visitar em Roma o chefe da christandade e o chefe dos usurpadores.

Engano porém. O Sancto Padre fez-lhe entender que se por ventura visitasse o rei, não visitaria o prisioneiro do rei. *La force prime le droit* não logra obter a sanção pontificia.

Com o governo anti-catholico da França observa agora a Sancta Sé uma attitude de perseverante energia. Feitas quantas concessões era possivel fazerem-se, tocou o limite de suas maternas benevolencias: a novas instancias responderá com o inquebrantavel *Non possumus*, que tanto immortalisou o sempre lembrado Pio IX.

Noticias

Bispo d'Angra.—O Ex.^{mo} D. Francisco Vieira e Brito seguiu para a sua diocese, na segunda feira, 4 do corrente, no vapor «Açôr S. Miguel.» Tendo a honra de a bordo lhe beijar o sagrado anel, desejamos-lhe prospera viagem, e se a divina Providencia lhe conceder outro rebanho no continente, muito folgamos poder de novo abraçá-lo na patria. Aos açorianos damos cordeas parabens. Costumados a serem rigidos por dedicadissimos pastores, continua-lhes a ventura que até hoje os ha acompanhando. Portugal conta para breve tornar a ver o digno Prelado, que reservará aos seus alguns momentos consoladores quando realizar sua visita *ad sacra limina*.

* * *

A Ordem.—Este excellente jornal de Coimbra, sairá em breve diariamente. Com um jornal diario no Porto, outro em Coimbra, outro em Lisboa, bem di-

rigidos e redigidos, ficam os catholicos portuguezes sem a menor desculpa no erro lastimoso do auxilio dado á imprensa impia, com grave damno das proprias consciencias. Oxalá vingue a *Ordem* o seu projecto e tome a peito a capital a necessidade em que se vê de sustentar um diario d'esta natureza.

* * *

A direcção da *Ordem* tomou a iniciativa de realizar um congresso de jornalistas catholicos nos fins do anno lectivo ou em principios de outubro. A animação que por toda a parte se nota, é persagio feliz de vermos tam louvavel empreza coroada por obras effluaz. Parabens cordealissimos a quem tam activamente se dedica por uma causa digna das sympathias de todos os bons.

Santa Martha.—A associação dos exercicios espirituaes, fez o seu ultimo retiro no Hospicio do Clero. Houve concorrência regular.

* * *

Justa sentença.—O juiz que presidiu ao julgamento em Bombaim, da causa de diffamação, instaurada contra o rev. bispo de Damão, declarou improcedente a accusação, e que este prelado procedera em toda a questão, da melhor boa fé.

S. ex.^a partiu para a Europa no principio d'este mez.

* * *

Irmãdade dos Clerigos Pobres.—Foram eleitos Irmãos protectores d'esta corporação, Monsenhor Jacobini, digno uncio de Sua Santidade, e o sr. José Joaquim Ribeiro.

Abril—12.

D.

Aos Ex.^{mos} Collaboradores e Assignantes

A Empresa do Progresso Catholico
DESEJA BOAS FESTAS.

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS PRIMEIROS E TERCEIROS SABBADOS DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente—Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 1,000 reis—Estados da India, China, e America, 1,220 reis, moeda portugueza—Numero avulso 100 reis. Edição de papel de luxo, mais 200 reis.

As assignaturas são pagas adeantadamente, por um ou meo anno.

O anno começa no 1.º sabbado de janeiro

Tudo o que se refere á redacção, incluindo troca de jornaes, seja enviado a
Manuel Maria Fructuoso—Correio de NEGRELLOS (Concelho de SANCTO THYRSO)

Tudo o que pertence á administração seja dirigido a José J. da Silva Guimarães—rua de Gil Vicente, 64—GUIMARÃES.